

**ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A FÉ
NA CONTEMPORANEIDADE:
UM ENFOQUE: A JERUSALÉM COMO PALCO PROFÉTICO**

Uleidice Ferreira da Silva Rocha (FAFIA)

uleidicerocha@hotmail.com

Luciene Pinheiro de Souza (FAFIA)

lpsouza@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo visa a uma análise do discurso monoteísta na contemporaneidade diante do consumismo enfocando a perspectiva das três maiores religiões do mundo (Judaísmo, Islamismo e Cristianismo), que consideram Jerusalém um centro sagrado - capital espiritual. Além do mais serão abordados alguns relatos que destacam Jerusalém como um palco profético e relógio do mundo, como sinal para o fim dos tempos. A análise está voltada para o contexto sociocultural e religioso das três religiões mencionadas com ênfase a uma das funções da literatura: a função profética, a qual terá como base os fios ideológicos das profecias ocorridas no passado e as predições há tempos vindouras, de cada uma dessas religiões contidas em seus livros sagrados: *Bíblia*, *Tanakh* e *Alcorão*.

Palavras-chave:

Judaísmo. Islamismo. Cristianismo. Discurso. Literatura profética.

1. Introdução

Este trabalho faz uma abordagem acerca da fé na contemporaneidade com foco nas três maiores religiões monoteístas do mundo (islamismo, cristianismo e judaísmo), as quais se consideram procedentes do patriarca Abraão, cujas profecias de seus livros: *Alcorão*, *Bíblia Cristã* e *Tanakh* se voltam em predições para Jerusalém como cidade sagrada.

Propõe uma análise do discurso voltada para o contexto sociocultural e religioso, com ênfase à literatura profética, tendo como base teóri-

ca alguns estudiosos como: Foucault (1996), Bakhtin (2006), Cisalpino (1994), Dolinger (2009), Blainey (2012), e outros. Para tanto, vale-se de citações de alguns princípios dogmáticos respeitados por cada uma dessas religiões e de determinadas profecias contidas em seus livros sagrados, os quais contribuem para delinear a trajetória desta análise.

Esta pesquisa se organiza por partes. Primeiramente, elucida a respeito da religião no cenário mundial atual. Na segunda parte, explana acerca do discurso de fé do Islamismo, do Cristianismo e do Judaísmo; na terceira, descreve sobre algumas profecias dos livros traçando um panorama entre essas, no que concerne a concordâncias e diferenças; e para finalizar, apresenta Jerusalém como palco profético e o cumprimento de algumas profecias, além de analisar as diferentes vozes dos discursos da linguagem profética dos livros sagrados três religiões monoteístas supracitadas.

2. *A religião e os reflexos da sociedade atual*

Atualmente, a religião se encontra exposta a um contexto de transformações sociais, em decorrência da globalização. Com os avanços tecnológicos relacionados à tecnologia da informação, um novo cenário mundial tem sido traçado, permitindo o intercâmbio e a difusão cultural. Desse modo, é proporcionado o acesso com maior facilidade à troca de informações sobre as novas descobertas mundiais, com a obtenção de conhecimento científico mais apurado, tornando-se evidente um mundo permeado de significativas mudanças de conceitos outrora focado. Assim, esse impasse enfrentado pela religião a enfraquece, tirando-lhe a sustentabilidade milenar, visto que por muito tempo os dogmas religiosos determinaram “a vida política, social, econômica, cultural e moral das sociedades.” (SILVA, 2007, p. 63).

Balizado nesse processo de mudança global, caracteriza-se um quadro em que as posturas dos discursos teológicos tradicionais, em defesa de seus princípios dogmáticos, sofrem impactos externos. Nessa somatória, fica visível a necessidade do diálogo entre as religiões. Por isso, evidencia-se um quadro de possível revisão de conceitos religiosos tradicionais, impostos outrora como princípios irrevogáveis em resposta a um novo parâmetro mundial que descortina novas informações plausíveis de quebra de paradigmas religiosos, suscitando, assim, indivíduos mais conscientes.

Villasenor (2011, p.11) assegura “A religião sofre o impacto da nova mentalidade pós-moderna. Ela deixa de ser dominada pela tradição de um povo ou de uma comunidade para se tornar objeto de escolhas e gosto do indivíduo”.

Desse modo, o indivíduo busca dentro de si mesmo a legitimidade de sua fé, além de procurar por novas experiências religiosas. *Com essa nova dinâmica*, convém destacar que devido ao contato rápido com povos, em qualquer parte do mundo, a troca recíproca de conhecimentos sobre as culturas oportuniza o diálogo universal entre as religiões.

Segundo Teixeira (2003, p. 22), “Nessa perspectiva as tradições são colocadas diante de uma dupla opção: a recusa do engajamento discursivo e da comunicação ou abertura dialógica.”

Dessa forma, num contexto em que as religiões não têm mais como estabelecer fronteiras, surge para os mais otimistas, uma nova esperança na busca pela paz. Em que “[...] a linguagem poética da fé poderá ser respeitada como experiência construtiva e prazerosa [...]” (SILVA, 2007, p. 64). Assim, pode-se sublinhar um novo panorama, numa expectativa de que dias melhores possam vir, apesar de certas circunstâncias políticas, econômicas e principalmente religiosas, propiciarem intolerância. Dias esses, que poderão ser provocados pelo diálogo inter-religioso em busca de compreensão mútua, conscientização e empenho, numa visão de que a verdadeira religião é, sobretudo, o amor, no entanto, de forma respeitosa, pois, não se trata de rompimento com os dogmas da tradição religiosa, e sim da busca por um diálogo balizado em prol da singularidade do outro, contudo, numa visão de unimultiplicidade.

3. Discurso monoteísta: as três maiores religiões do mundo

O cenário da sociedade pós-moderna propicia a reflexão acerca do discurso de fé das três maiores religiões monoteístas do mundo: o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo; estando Jerusalém assinalada pelo respeito aos lugares santos, sendo palco de visitação de judeus e cristãos de todo o mundo. É também um dos locais sagrados para os muçulmanos, apesar dos conflitos territoriais com os judeus.

Conforme assegura Carroll (2013, p. 9), “Os três monoteísmos de Jerusalém estão assim aninhados num presente perene, uma zona tempo-

ral em que o passado nunca é bem passado e o futuro está sempre ameaçado de irromper”.

Nessa análise do discurso é importante explicitar acerca da fé dessas três religiões monoteístas, e alguns dos seus preceitos dogmáticos, com olhar para Jerusalém.

Na perspectiva do cristianismo, segundo a bíblia, no livro de Hebreus 11:1, a fé significa “[...] a certeza do que esperamos, convencidos das coisas que não vemos”.

Entre adeptos da *Bíblia Cristã* há os que acreditam: na Trindade: Deus é um só, mas existem três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. De acordo com a palavra, Jesus Cristo foi enviado por Deus para a salvação, através da sua morte expiatória na cruz pelos pecados da humanidade; na justificação pela fé; na existência do inferno e punição eterna; na ressurreição dos mortos; no milênio; na vida eterna; na existência de anjos; na revelação da bíblia e em suas profecias, e outros.

Para a teologia judaica, a fé em Adonai é essencial, sendo de suma relevância para os judeus a conduta de uma pessoa.

Segundo Dolinger (2009 p. 44),

No judaísmo acreditamos com convicção que toda pessoa humana que respeita o Monoteísmo, que respeita a vida, o patrimônio e a família do alheio, bem como a vida animal (vedação de se alimentar de partes retiradas do animal em vida) e que colabora na constituição de cortes de justiça, tem parte no Olam Habah, no mundo do porvir.

Os judeus creem que D’us enviou profetas ao longo dos tempos, e as palavras dos profetas prevalecem sendo guiadas pelo *Tanakh*, as três partes da *Bíblia* hebraica, que se divide em: *Torah* (Lei, Ensino), *Nevi'im* (Profetas) e *K'tuvim* (Escritos). Eles se reúnem nas sinagogas para o culto, realizado por rabinos; “[...] guardam o sábado (shabat) como dia sagrado” (CISALPINO, 1994, p. 52). Também se reúnem no muro das Lamentações, onde todas as sextas-feiras liberam suas preces, choram a destruição de Jerusalém. Um local sagrado para os judeus e cristãos de todo o mundo, onde as preces escritas em papéis são colocadas nas fendas.

Quanto aos muçulmanos, a base de sua fé é a obediência ao profeta Mohammad (Maomé) e a crença: em Deus (Allah) – o único merecedor de adoração; na vida após a morte e no dia do juízo; nos anjos; na escritura revelada (*Alcorão*); no final dos tempos; no Decreto Divino; cren-

ça em todos os profetas de Deus, sem distinção. (LIGA ISLÂMICA, 2012)

Vale notar que, mesmo tendo alguns laços comuns com o judaísmo e com o cristianismo, principalmente concernente ao monoteísmo, segundo os muçulmanos, Allah (o nome de Deus no islamismo) deu a missão ao profeta Maomé para “[...] corrigir os erros de interpretação de textos e revelações enviadas aos judeus e aos cristãos”. (CISALPINO, 1994, p.48)

Esse autor relata também que, atualmente a cidade de Jerusalém (em território controlado por Israel) é um exemplo de proximidades históricas e culturais.

As três grandes religiões do mundo são classificadas como oriundas de Abraão. Cada qual tem seu livro sagrado, resguardados por seus fieis como revelação divina. São eles: o *Alcorão* (muçulmanos), a Bíblia (cristianismo) e o *Tanakh* (Torah, Profetas e escritos). Também são identificadas como religiões monoteístas por crerem em único Deus. Os muçulmanos o chamam de Allah; os cristãos o chamam de Deus - sendo três pessoas da trindade: Pai, Filho (Jesus/Yeshua) e Espírito Santo; os judeus o chamam de Adonai (o Eterno), ou de HaShem.

Para se compreender melhor essa questão referente às três religiões serem advindas de Abraão, serão apresentados a seguir, dados que respaldam tal colocação.

3.1. O Monte Moriah

De acordo com Nicolaevsky (2010)⁵¹, mentor do Cafetorah (Notícias de Israel), “O Monte do templo é o lugar religioso de maior importância no Mundo para judeus e cristãos, e de acordo com a tradição muçulmana, o terceiro lugar em importância para o mundo islâmico”. Também relata que para a fé judaica o monte Moriah é o local mais sagrado que existe no mundo por fazer parte de um contexto bíblico histórico onde o pai da fé, Abraão, levou seu filho Isaque para ser oferecido em sacrifício a Adonai, mas foi impedido por um anjo que indicou um carneiro como oferta em substituição (Gn 22:2-13). Esse monte remete em alusão

⁵¹ Miguel Nicolaevsky é diretor e editor geral do Cafetorah - Notícias de Israel. <<http://www.cafetorah.com/porta/Editorial>>

ao antigo templo pelos judeus e cristãos e Nobre Santuário – local sagrado para os muçulmanos. Está situado na região da cidade velha, em Jerusalém – Israel, e no local os muçulmanos construíram no século VII, os templos sobre as rochas: a mesquita de Al Aqsa e o Domo da Rocha, referindo-se a ascensão de Muhammad ao paraíso (uma visão em um sonho de Maomé).

Para os cristãos, no novo testamento da bíblia, há relatos de milagres e ensinamentos de Jesus no templo de Jerusalém, que foi reconstruído depois, sendo destruído em 70 E.C pelos romanos. Resta apenas o muro ocidental, conhecido como Muro das Lamentações, local de peregrinação dos judeus de todo o mundo e visitado por pessoas de outras nações. Nesse local, segundo a tradição judaica, será construído o terceiro e último templo, nos dias do Messias (NICOLAEVSKY, 2010). Devido a essas circunstâncias, o Monte do templo é alvo de controvérsias.

Em meio a esse contexto, faz-se necessário fazer uma abordagem sobre as vozes dialógicas subjacentes nas revelações encontradas nos livros, representantes das três crenças religiosas.

3.2. A revelação divina dos livros

As três maiores religiões monoteístas do mundo concordam entre si que seus livros sagrados foram escritos devido à revelação divina. Nesse âmbito pode-se constatar que, no *Tanakh* e na Bíblia Cristã, Abraão é o patriarca, pai de Isaac – filho da promessa de Deus – cuja mãe é Sara, e também pai de Ismael - filho de Agar – a serva de Sara. Conforme está escrito na Bíblia, em Gênesis 17: 1-4, “Adonai apareceu a ele (Abraão) e lhe disse: [...] Você será pai de várias nações.”

Entretanto, dando continuidade a esse discurso, conforme Gnika (2006, p. 157) segundo o *Alcorão*, Isaac não é o filho que Abraão quer sacrificar, mas sim Ismael, o filho de Agar. Ele também salienta que tanto o cristianismo quanto o islamismo só tiveram acesso a Abraão mediante a Bíblia do judaísmo e que seguramente o cristianismo tem relações mais estreitas com o judaísmo do que o islamismo.

Estudos demonstram que o cristianismo, através do seu livro sagrado, apresenta sinais claros fazendo menção no Novo Testamento sobre os escritos do Antigo Testamento, apropriando-se de suas crenças, e declaram que Jesus Cristo (Yeshua), quando nasceu da virgem Maria

houve o cumprimento de profecias reveladas a profetas do Antigo Testamento, ocorrendo uma Nova Aliança, que “foi dada como *Torah* com base em melhores promessas”. STERN (1998, p. 56)⁵²

É importante destacar que se pode perceber no *Alcorão*, a ocorrência de intertextualidade, entre os seus escritos com os escritos contidos no *Torah* e Evangelho, embora haja considerações diferentes nesta proximidade. Por exemplo, o *Alcorão* demonstra que seus escritos são uma mensagem de Allah (o derradeiro dos profetas) para o homem, e faz menção de revelações divinas citando a *Torah* os Salmos e o evangelho. Assim diz o *Alcorão* 3: 2-4:

Allah! [...] Ele te revelou (ó Muhammad) o Livro com a verdade, corroborante dos anteriores, assim como havia revelado a Tora e o Evangelho, anteriormente, para servir de orientação aos humanos, e revelou ainda o Discernimento [...].

O *Alcorão* também narra quando Deus se manifestou a Moisés na sarça ardente; texto narrado na bíblia em Êxodo 3. Nesse assunto, Gnlika (2006, p. 89) assegura, “É verdade que também no *Alcorão* se fala de Moisés junto à sarça ardente, mas a história torna-se totalmente transparente com vista à vocação Maomé. [...]”.

Além disso, o Corão descreve Jesus de forma respeitosa, afirmando que Ele foi instruído por Deus e fortalecido pelo Espírito Santo; considerando-o apenas como um profeta enviado por Deus, não o reconhecendo como o Cristo. “Em seu livro sagrado, o Corão, “Jesus o Nazareno” é mencionado quatorze vezes e descrito como um profeta notável, embora não tão sábio quanto Maomé [...]” (BLAINEY 2012, p. 93). Desse modo, na visão religiosa dos Islâmicos, Deus escolheu e enviou cada mensageiro, em várias épocas, para ensinar e transmitir a Sua Divina mensagem à humanidade.

Em meio a um discurso de aproximação entre essas três crenças, é perceptivo o surgimento de grandes divergências.

Nas palavras de Bakhtin (2006), é nessa dinâmica ideológica que a interação verbal ora reflete, ora refrata a realidade. Cada religião, em suas respectivas tradições, depende das revelações de seus livros sagrados para o cumprimento das profecias. Conforme afirma Carroll (2013, p. 11)

⁵² David H. Stern traduziu a “Bíblia Judaica Completa”, do original para o inglês.

Os cultos de Jerusalém deixam claro que todas as tradições do livro dependem de uma revelação por vias indiretas, de um saber incognoscível e por isso cada uma delas pode distanciar-se da verdade ou alcançá-la promovendo tanto a intolerância, quanto as boas relações, tanto a discórdia quanto a paz.

3.3. Divina revelação e exclusivismo religioso: um paradoxo

O judaísmo, o cristianismo e islamismos, mesmo tendo certa proximidade em seus escritos religiosos, dado seus fundamentos em Abraão e terem unanimidade quanto à crença em adorar um único Deus, sustentam certo exclusivismo religioso até os dias atuais, acentuando ao longo dos tempos divergências religiosas, guerras e mortes. Como exemplo pode-se citar, conforme Dolinger (2009, p. 40)⁵³ a situação da Igreja Católica em que ao longo dos anos sustenta que fora dela não há salvação. Enquanto que os muçulmanos sustentam que todos aqueles que não seguem sua crença são infiéis.

Para complementar essa abordagem, outros autores assumem uma postura mais otimista, como é o caso de Vailatti que assegura que para o *Alcorão*, o Deus dos muçulmanos e o Deus da Bíblia Hebraica são o mesmo Deus; que os escritos do *Alcorão* reconhecem *Tanakh* como livro sagrado; o que propicia “substancialmente para o diálogo e para uma maior proximidade entre estes dois ‘povos do livro’”. (VAILATTI, 2012, p. 6). Entretanto, o que se pode observar no contexto histórico, político e religioso atual é ausência de paz entre esses dois povos: israelenses e palestinos.

Vale ressaltar que essas religiões monoteístas se afastam da paz quando se engajam em seus dogmas, estando por muitas vezes, ao longo dos séculos, em destaque nas conquistas territoriais exclusivistas e sangrentas, em nome de sua verdade e do seu único Deus, apresentando como implicativos de defesa a concepção profética, deixando-se levar à intolerância religiosa.

Segundo Locke (*apud* DOLINGER, 2009, p. 41): “Se podemos abertamente falar a verdade, como deve ser entre um homem e o outro, nem o pagão, nem o maometano, nem o judeu deve ser excluído dos di-

⁵³ Jacob Dolinger - Professor de Direito Internacional Privado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Professor Visitante da Universidade de Miami - Conferencista da Academia de Direito Internacional de Haia.

reitos civis de uma nação devido à sua religião. O *Evangelho* não comanda tal coisa. [...]”

3.4. Olhares a respeito do Messias, da ressurreição e do juízo final

Numa abordagem mais ampla, o islamismo, o cristianismo e o judaísmo pregam que há ressurreição após a morte; e que ocorrerá o milênio e o juízo final, tendo Jerusalém como um palco profético.

O cristianismo defende que Jesus Cristo é o Messias filho de Deus, gerado pelo Espírito Santo e nascido em uma virgem. Crê na morte expiatória dele; que o mesmo ressurgiu entre os mortos; em Sua gloriosa ascensão aos céus (CARVALHO et al; 2012, p. 60); e também no milênio e juízo final. Entretanto, é pertinente ressaltar que, embora os cristãos creiam no milênio existem algumas correntes que divergem em seus discursos teológicos.

Retomando a linha de raciocínio, o reinado milenar do Messias, também é um evento aguardado pelos judeus, embora muitos deles “[...] não creem que Jesus foi o Messias, o filho de Deus, que ressuscitou entre os mortos”. (CARVALHO et al, 2012, p. 59). Para eles, D’us é espírito, não há trindade e ninguém pode vê-lo. Por se basearem em profecias do *Tanakh* muitos judeus aguardam a chegada do Messias, com as promessas da restauração do reino judaico; conforme registros de Isaías 11:5: “A justiça será o cinto em sua cintura, a fidelidade, a faixa em torno de seus lábios”.

Outro aspecto importante a se averiguar nesse assunto, está relacionado à ressurreição dos mortos e ao juízo final, como estão descritos nos dizeres seguintes:

Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com trombetas de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. (*Bíblia Cristã* – I Tes. 4: 16).

E a trombeta será soada: e aqueles que estão nos céus e na terra espiarão, com exceção daqueles a quem Deus queira conservar. Logo será soada pela segunda vez e ei-los ressuscitados, pasmados (*Alcorão Sagrado* 39: 68).

E instalaremos as balanças da justiça para o Dia da Ressurreição [...]. (*Alcorão* 21: 47)

De acordo com Isabelle (2010)⁵⁴, na crença islâmica, após o fim do mundo os mortos serão ressuscitados por Deus e prestarão contas de todos os seus atos em quanto viveram na terra. Os que forem aprovados entrarão e ficaram eternamente no paraíso, enquanto que os que adentrarem no inferno ficará por um tempo lá, a fim de pagar por suas más ações; depois, pela misericórdia de Deus, entrarão no paraíso.

Assim sendo, “Para os muçulmanos, o Paraíso e Inferno serão as moradas finais para os crentes e os condenados após o julgamento.” (UNIÃO ISLÂMICA, 2012). Enquanto que nos pressupostos da fé cristã se evidencia a crença da existência do céu e do inferno, crendo “no juízo vindouro, [...] no novo céu, na nova terra, na vida eterna de gozo para os fiéis e na condenação eterna para os infiéis. (CARVALHO et al; 2012, p. 60-61)

Quanto ao judaísmo, “[...] Algumas correntes acreditam na reencarnação, outras na ressurreição dos mortos.” (NASCIMENTO, 2004)

4. *Jerusalém como palco profético e algumas profecias dos livros*

4.1. Cumprimento de profecias

4.1.1. A Porta Dourada

A cidade velha de Jerusalém é rodeada por uma muralha antiga, e nela está cravada a “Porta Dourada” que fica próxima ao Monte do templo - o centro histórico e espiritual dessa cidade. “O termo dourado é devido ao vão da porta ter sido fechado com o mesmo tipo de pedra da muralha, que por sua coloração amarelada, reflete com intensidade os raios do sol nascente, uma vez que ela se localiza no lado oriental”. (GUIMARAES, 2012)

A “Porta dourada” é chamada na bíblia de ‘a Porta leste’. Segundo discernimento de profecias bíblicas, Yeshua entrará novamente no Monte do Templo, através da Porta leste, atravessando o Vale do Cedron, como fez quando ainda estava em missão na terra (visão cristã). Essa porta dava acesso direto ao pátio do santuário e posteriormente ao lugar Santís-

⁵⁴ Sami Isabelle é o autor dos livros "Islam: a sua crença e a sua prática" e "O Estado islâmico e a sua organização" e diretor do departamento educacional e de divulgação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro (SBMRJ - <http://www.sbmj.org.br/>).

simo, onde apenas o sumo sacerdote judeu, podia entrar uma vez por ano para fazer expiação pelos pecados de Israel.

Assim, no *Tanakh* e na Bíblia Cristã, o profeta Ezequiel descreveu que o Messias entraria na porta leste tendo acesso ao templo. Para alguns estudiosos trata-se do terceiro templo que está para ser reconstruído. “A glória de Adonai entrou na casa através da porta leste.” (EZ. 43:4). Também diz o profeta, que a Porta leste seria selada, sendo preservada para a entrada triunfal do Messias. Como relata as escrituras:

Esta porta permanecerá fechada, não será aberta, e ninguém passará por ela; porque *Adonai*, o Deus de Ysra’el, passou por aqui. Portanto ela deve ser mantida fechada. Somente o príncipe, [...] entrará pelo vestíbulo da porta e sairá pelo mesmo caminho. (EZ. 44: 2-3)

Mediante essa perspectiva história e profética, pode conferir que nos dias atuais a “Porta dourada” se encontra lacrada; e segundo a tradição judaica, os judeus aguardam o cumprimento dessa profecia de Ezequiel.

Outro fato interessante relatado numa reportagem feita pela Revista *Veja* (11/12/2011) diz que: “o lado ocidental do Monte das Oliveiras está cheio de túmulos de milhares de judeus, cuja tradição afirma que nesse lugar começará a ressurreição, após a vinda do messias”. Uma palavra profética que também aguarda o dia do cumprimento, dado que os judeus almejam por Sião.

Também, conforme a reportagem, “Os dois cemitérios em Jerusalém têm grande importância histórica e social – o judeu data do século XIV d. C e o muçulmano, de acordo com a crença local, de VII d. C.” (VEJA 11 dez. 2011[online]) E por isso esses lugares são palco de atritos entre eles.

Outro fato acentuado diz respeito à chegada do Messias a Jerusalém, referente à outra profecia bíblica constatada no livro de Zacarias (14: 4-9 a) que ainda não se cumpriu, predizendo:

Naquele dia, seus pés prevalecerão sobre o monte das oliveiras, a leste de Yerushalayim (Jerusalém); e o monte das oliveiras será fendido ao meio, do leste para o oeste, formando um grande vale [...] fugiram por causa do terremoto [...] E Adonai reinará sobre o mundo todo.

4.1.2. *Algumas profecias do profeta Muhammad*

Segundo citação feita no site da “União Nacional Islâmica”, pelo menos 160 profecias do profeta Muhammad foram cumpridas no decorrer da sua vida e na primeira geração depois dele. O site menciona algumas profecias, entre elas, a de que o Profeta profetizou dizendo que após a sua morte Jerusalém seria conquistada pelos muçulmanos; sendo cumprida quando, “Em 638 o Califa muçulmano Umar I, entrou em Jerusalém” - conforme relatos a Enciclopédia Britânica. Também aponta que existem pelo menos 28 profecias adicionais que aguardam cumprimento, com prenúncios para o fim dos tempos.

De acordo com o escritor Blainey (2012, p.91), após três anos da morte de Maomé, Beirute e Damasco foram capturadas pela cavalaria muçulmana, porém Jerusalém, que era defendida pelas forças bizantinas, foi rendida em 638. A igreja do Santo Sepulcro – santuário cristão, tida como o local do sepulcro de Cristo, permaneceu. No espaço em que antes havia o grande templo dos judeus foi construída uma mesquita islâmica, a Cúpula da Rocha. Durante 11 dos 13 séculos seguintes, Jerusalém permaneceria em posse dos muçulmanos.

Esse episódio histórico, citado acima, dá margem para aqueles que discernem que há indício de um sinal visível do cumprimento dessa profecia, dita pelo profeta Muhammad.

4.2. **A criação do o Estado de Israel: um cumprimento de profecias bíblicas**

Theodore Herzl, um sionista judeu, político e jornalista de origem austro-húngara publicou em 1896, como obra propulsora o livro: “Estado Judaico”, no qual preconizava o retorno do povo judeu à sua terra, visando à restauração do estado judaico.

Faingold (2010) relata as palavras de Herzl, dizendo:

Segundo ele, “a questão judaica existe em todo lugar em que os judeus vivem, por menor que seja seu número”. [...] “Compreendo o antisemitismo, que é um movimento complexo. Em minha qualidade de judeu, encaro este movimento sem ódio e sem medo. Para resolver a questão judaica é preciso transformá-la numa questão política universal, regularizada pelos conselhos dos povos civilizados”.

Os escritos de Herzl foram de grande repercussão, pois em 1917, a Grã-Bretanha com a Declaração de Balfour, declarava o governo de Sua Majestade favorável ao estabelecimento de “um lar nacional para os judeus na Palestina” (CHEMIRIS, 2002, p. 3). Esse fato foi consumado em 1947 quando a ONU repartiu o território da Palestina em regiões entre judeus e árabes, ocasionando a primeira guerra entre eles.

Nesse assunto, também vale observar a questão da criação do Estado de Israel numa perspectiva profética, por contribuir para a consolidação da análise discursiva deste artigo. Dado que se pode correlacionar o texto escrito pelo profeta Isaías 60:8, “Quem são estes que voam como nuvens, como pombas em direção ao pombal?” há uma linguagem conotativa, por ser notório que esse versículo dá margem a plurissignificação, pois, ao contextualizar os dizeres: “voam como nuvens” podem ser subentendidas como “voam de avião”; e “em direção ao pombal”, pode tipificar o retorno dos judeus a sua terra de origem.

Para se compreender melhor esse discurso, em 1948, com a criação do Estado de Israel, judeus de diversas partes do mundo passaram a retornar para sua terra prometida. E novamente, dá a entender o cumprimento de profecias do livro de Isaías 43:6 e 9: “Trarei meus filhos de longe, e minhas filhas desde os confins da terra, [...] Quem, dentre eles, pode anunciar e revelar o que aconteceu no passado?”

Outro fato profético a se considerar, diz respeito ao discurso do primeiro ministro de Israel, Benjamim Netanyahu, na Assembleia Geral das Nações Unidas, no 1º dia de Outubro de 2013, quando ele explana sobre o Estado Judeu, a relação entre Palestina e Israel e a iminente do ataque do Irã. Já quase no final de discurso, ele afirma que:

No nosso tempo estão sendo cumpridas as profecias bíblicas. Como disse o profeta Amós [9:14-15]. Eles construirão de novo as cidades que estavam em ruínas e morarão nelas. [...] Plantarei o meu povo na terra que lhes dei, e eles nunca mais serão arrancados dali. (BENJAMIM NETANYAHU, 2013)

Ao finalizar, Netanyahu disse em hebraico: “Senhoras e senhores, o povo de Israel voltou para casa para nunca mais ser arrancado dela novamente.”

Dentro dessa dialética, ainda numa análise profética com base num contexto histórico, político e religioso, é extremamente relevante visualizar outro aspecto, agora referente aos muçulmanos. Eles reivindicam Jerusalém com embasamento numa passagem de seus ensinamentos, que menciona uma mesquita distante. “Glorificado seja Aquele (Allah) du-

rante a noite, transportou o Seu servo, tirando-o da Sagrada Mesquita (em Makka) e levando-o à Mesquita de Alacsa (em Jerusalém). Cujo recinto bendizemos, [...]” (17ª SURATA).

Nesse caso, é importante salientar que não há como negar aos judeus a formação de um Estado, por acreditarem ter direito histórico e sagrado sobre a Palestina. Em uma análise histórica, eles foram expulsos de sua terra sendo dispersos para outros países, com as diásporas judaicas. Contudo, de acordo com Chemiris (2002, p. 70) deve-se atentar também que os árabes se encontram há mais de um milênio em territórios da Palestina, e por isso, também lutam por seus diretos.

Trata-se assim, de confrontos que geraram mortes e retaliações ao longo dos séculos, e que infelizmente, até os dias atuais, tem sido difícil apaziguar essa disputa.

4.3. Vozes do discurso

É interessante considerar as vozes que se instalam num discurso, e que ressoam de formas distintas. Por exemplo, Brait (1999, p. 24), reflete sobre abordagens do pensador Bakhtin, a respeito das “relações de sentido de diversos enunciados, implicando um caráter dialógico, na medida em que os sentidos estão distribuídos entre diferentes vozes”.

Essas colocações permitem conjecturar acerca do valor do discurso dialógico na religião e da importância de se atentar para as dimensões das vozes do discurso que propiciam a comunicação, uma vez que um mesmo assunto pode se expandir em distintas vozes, podendo assim, assumir posturas interpretativas diferenciadas. Por isso, um texto não pode ser analisado isoladamente. Assim, “Cabe à análise do discurso localizar os recursos linguísticos e não linguísticos da combinação e transmissão das vozes discursivas, [...]”. (BRAIT, 1999, p. 25).

Dessa forma, a interpretação de cada discurso profético mencionado pelas três religiões monoteístas, dependerá da “visão de mundo” de cada indivíduo que terá contato ou acesso às profecias dos livros sagrados. Sendo complacente considerar, o contexto histórico e sociocultural em que o texto profético foi construído, buscando identificar qual a intenção da voz profética liberada e quais as predominâncias figurativas dos escritos, que poderão viabilizar o dialogismo entre os discursos.

4.4. A linguagem profética dos livros

Para melhor compreensão da linguagem profética apresentada nos fragmentos proféticos dos livros sagrados dessas três crenças, também é relevante examinar a importância do discurso apresentado entre os interlocutores.

Segundo Foucault (1996, p. 24), “[...] uma mesma e única obra literária pode dar lugar, simultaneamente, a tipos de discursos bem distintos [...]”.

Seja qual for o discurso, para que seja sustentado como tal, na sociedade, passará por alguns procedimentos que estabelecerá princípios de limitação ao ser produzido, qualificando-o, através, por exemplo, de princípios teóricos e outras exigências. Dessa forma, “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início qualificado para fazê-lo”. (FOUCAULT, 1996, p. 37)

Brandão ([s./d.], p. 2) assevera que “[...] todo discurso produz sentido que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem”.

Nessa linha de pensamento é relevante ressaltar que, “O objetivo da linguagem é expressão, [...] a religião também possui seu jeito específico de comunicar.” (SILVA, 2007, p. 50). De acordo com essa autora a comunicação da religião é simbólica por girar em torno do sobrenatural.

Ainda nesse procedimento discursivo, pode-se constatar que as profecias dos textos sagrados do *Alcorão*, da Bíblia e do *Tanakh* apontam para uma linguagem conotativa utilizada principalmente em textos literários. Mesmo, às vezes, valendo-se de expressões metafóricas, as mensagens são discernidas como verdadeiras para os adeptos de cada crença. Trata-se de escritos sagrados cuja interpretação levou aos fundamentos das doutrinas religiosas, que dão sentido à vida de seus fieis. Assim, “As produções textuais religiosas preservadas até a atualidade, são tidas como verdadeiros tesouros da literatura mundial, por trazerem vestígios de culturas antigas e por sua riqueza literária”. (SILVA, 2007, p. 48).

Além do mais, vale destacar as ideologias religiosas presentes em algumas narrativas proféticas trazidas nesses livros sagrados, que já se cumpriram ou ainda estão na predição, dando ênfase à função profética, em que o escritor prevê o futuro com quase absoluta exatidão. Nesse contexto literário, também é coerente dizer sobre a função sinfônica ou sin-

tonizada e a função perenizadora. Na primeira função, a literatura possibilita a restauração de emoções ocorridas no passado, perceptíveis em atitudes inerentes às três religiões monoteístas abordadas neste artigo. Por sua vez, na segunda, a literatura gera desejo de sobrevivência ao tempo, em que o indivíduo busca ultrapassar os limites do espaço e tempo; característica também notada entre essas três crenças, uma vez que seus adeptos acreditam na vida após a morte e na ressurreição, e, constantemente, avigoram trazendo à existência a memória de seus profetas iluminados.

5. *Considerações finais*

Em virtude da fé e dos dogmas religiosos, decisões são tomadas no mundo inteiro, desde tempos longínquos, podendo ser benéficas ou maléficas à humanidade. Muitos, em defesa de sua fé, aceitam morrer, matar seu semelhante, guerrear, massacrar e torturar inúmeras pessoas. Há também os que utilizam o poder da religião para controlar o outro, em nome do seu deus (ou deuses). Contudo, perante o contexto atual vigente, voltado para a globalização e ao acesso facilitado das informações, é perceptível o mesclar cultural entre as religiões, viabilizando mudanças de conceitos preestabelecidos, e esperança de dias de paz.

Assim essa análise do discurso foi construída, balizada em descrições voltadas para questões ideológicas das três maiores religiões monoteístas do mundo (islamismo, cristianismo e judaísmo), que constata o contexto sociocultural, político e religioso, numa perspectiva profética, e que remete principalmente à função da literatura profética, ao serem citadas no decorrer deste trabalho algumas profecias da Bíblia, do *Tanakh* e do *Alcorão*.

Considerando que a natureza humana tem necessidade de estabelecer comunicação com Deus e por isso busca estabelecer seus alicerces de fé e que existem mistérios neste mundo e forças sobrenaturais, explicadas por livros sagrados, teorias e profecias, que de alguma forma podem intervir em nosso viver, torna-se complexo argumentar fatos visíveis. Logo, é singular ressaltar que, não parece haver como negar que muitas profecias destacadas por essas religiões demonstram ter sido cumpridas ao longo dos séculos, ainda que por vias indiretas, sinalizando Jerusalém como um palco profético - um indicativo para a humanidade, metaforizando como um relógio do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL ISRÁ – A viagem noturna. *Alcorão Sagrado*: 17ª Surata, p. 239-275. Disponível em: <http://www.ligaislamica.org.br/alcorao_sagrado.pdf>. Acesso em: 12-07-2014

As profecias de Muhammad. Disponível em: <<http://www.uniaoislamica.com.br/index.php?r=conteudo/view&id=515>>. Acesso em: 11-07-2014

ANDRADE, André. *Discurso de Benjamim Netanyahu na ONU*, em 01 out. 2013. Legendas: André Andrade. Publicado em 13 /10/2013 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EBnRYxh-Luw>>. Acesso em: 16-07-2014

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRANDÃO, Helena. *Análise do discurso*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand001.pdf>>. Acesso em: 14-07-2014

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: FIORIN [Orgs.]: *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

BÍBLIA. Português. *Bíblia judaica completa*: Tanakh [AT] e a B'rir Haddashah [NT]. Tradução do original para o inglês: David H. Stern; tradução do inglês para o português: Rogério Portella e Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Vida, 2010.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do Cristianismo*. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2012.

CARROLL, James. *Jerusalém, Jerusalém*. Como a história da antiga cidade sagrada para as três grandes religiões deu origem ao mundo moderno. 1. ed. digital. São Paulo: Cultrix, 2013. Trad.: Euclides Luiz Calloni e Cleusa Margô Wosgrau. Google acadêmico: JCarrol-2013-books.google.com

CARVALHO, Agnaldo et al. Principiais religiões mundiais. In: _____. *Defenda sua fé: religiões e religiosidade*. São Paulo: Cristã Evangélica, 2012.

CONHECENDO o Alcorão Sagrado. CDIAL – Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, São Paulo, 09-02-2010. Disponível em:

<http://www.islambr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=68&Itemid=60> Acesso em: 02-07-2014

CEMITÉRIO de Jerusalém Oriental viram alvos de luta por soberania. *Veja Internacional*, 11 dez. 2011. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/cemiterios-de-jerusalem-oriental-viram-alvos-de-luta-por-soberania>> Acesso em: 09-07-2014

CHEMERIS, Henry. *Os principais motivos que geraram os conflitos entre israelenses e árabes na palestina (1897-1948)*. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <www.pucrs.br/ffch/neroi/mono_revista.pdf>. Acesso em: 08-07-2014.

CISALPINO, Murilo. *Religiões*. São Paulo: Scipione, 1994.

Crença na vida após a morte. Disponível em:

<<http://www.uniãoislamica.com.br/index.php?r=conteudo/view&id=382>>. Acesso em: 09-07-2014

DOLINGER, Jacob. A intolerância: uma perspectiva judaica. In LEWIN, H. (Coord.). *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 35-46. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ztpr5/pdf/lewin-9788579820168-06.pdf>>. Acesso em: 02-07-2014.

FAINGOLD, Reuven. *O legado de Theodor Herzl*. Edição 69, set. 2010. Disponível em:

<http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=863&p=0>. Acesso em: 11-07-2014

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996. Disponível em: <file:///E:/Desktop/foucault_michel_-_a_ordem_do_d.pdf>. Acesso em: 09-08-2014.

GNILKA, Joachim. *Bíblia e Alcorão: o que os une – o que os separa*. São Paulo: Loyola, 2006. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?isbn=8515032473>> Acesso em: 06-07-2014,

GUIMARÃES, Marcelo. *A porta dourada*. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/a-porta-dourada>>. Acesso em: 06-07-2014.

ISBELLE, Sami. A crença no Dia do Juízo Final: quinto pilar da crença islâmica. *Extra*, nov. 2010. Disponível em:

<<http://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/sami-isbelle/a-crenca-no-dia-do-juizo-final-quinto-pilar-da-crenca-islamica-359924.html>> Acesso em: 05-07-2014.

Missão Profética no Islã (parte 2 de 2): crença em todos os profetas sem distinção. Disponível em:

<<http://www.uniaoislamica.com.br/index.php?r=conteudo/view&id=387>>. Acesso em: 07-07-2014.

NASCIMENTO, Carolina. Saiba como a morte é vista em diferentes religiões e doutrinas. *Época*, n. 325, ago. 2004. Disponível em: <[http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65777-5856,00-sai-](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65777-5856,00-sai-ba+como+a+morte+e+vista+em+diferentes+religoes+e+doutrinas.html)

[ba+como+a+morte+e+vista+em+diferentes+religoes+e+doutrinas.html](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65777-5856,00-sai-ba+como+a+morte+e+vista+em+diferentes+religoes+e+doutrinas.html)> Acesso em: 03-07-2014.

NICOLAEVSKY, Miguel. *O Monte Moriah*. Café Notícias de Israel, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.cafetorah.com/porta/Monte-Moriah>>. Acesso em: 05-07-2014.

SILVA, Wadna. *Religião e sociedade contemporânea*: uma análise da religião do mundo atual. Mato Grosso do Sul: Secretaria Municipal de educação, Cultura, Desporto e Lazer de Taboado, 2007.

STERN, D. H. *Bíblia judaica completa*: Tanakh [AT] e a B'rir Hadashah [NT]. São Paulo: Vida, 2010.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19-38, 2º sem. 2003. Disponível em: <<file:///E:/Downloads/Dialnet-ODialogoInterreligiosoNaPerspectivaDoTerceiroMilen-4740613.pdf>>. Acesso em: 12-07-2014.

VAILATTI, Carlos. *A Bíblia Hebraica e o Alcorão em Diálogo*: Reflexões Sobre Alguns Temas Comuns Aos Dois Livros Sagrados, 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/6186029/A_Biblia_Hebraica_e_o_Alcorao_e_m_Dialogo_Reflexoes_Sobre_Alguns_Temas_Comuns_aos_Dois_Livros_Sagrados>. Acesso em: 03-07-2014.

VILLASENOR, Rafael. Crise institucional: os sem religião de religiosidade própria. *Revista Nures*, São Paulo, n. 17, jan./abr. 2011. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/viewFile/5517/3944>. Acesso em: 08-07-2014.